

AS CONSTRUÇÕES PASSIVAS IMPESSOAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O FRANCÊS

Mariana Sofia Silva¹

up201904104@edu.letras.up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Embora a gramática tradicional conceba as construções passivas como meros “espelhos” das suas correspondentes ativas, vários teóricos afirmam que a passiva possui uma estrutura sintática própria e independente. Neste trabalho, abordamos as construções passivas impessoais numa perspetiva comparada. Nestas construções, o SN permanece na posição canónica de OD, mas a concordância com o verbo denota que se comporta como Sujeito, devido a uma possível transmissão de informações de caso nominativo a partir de uma categoria vazia. Isto é possível em português europeu, mas não em francês, devido às diferentes marcações do Parâmetro do Sujeito Nulo nestas duas línguas.

PALAVRAS-CHAVE. Análise Contrastiva Português-Francês, Frases Passivas Impessoais, Parâmetro do Sujeito Nulo.

ABSTRACT. Even though traditional grammar views passive constructions as mere “mirrors” of their active counterparts, many theoreticians argue that passive constructions have their own independent syntactic structure. In this paper, we take a contrastive approach on impersonal passive constructions. In these constructions, the NP remains in the classical Direct Object position, but it triggers agreement, which shows that it behaves as Subject. This may be due to a transmission of nominative case information from an empty category. This is possible in European Portuguese, but not in French, due to differences in which concerns the Null Subject Parameter in these two languages.

KEYWORDS. Contrastive Portuguese-French Analysis, Impersonal Passives, Null Subject Parameter.

¹ Estudante do 2.º ano do Mestrado em Linguística.

1. Introdução

A distinção entre frases ativas e frases passivas é-nos apresentada pela tradição gramatical greco-latina como residindo na diátese, ou seja, no modo como é perspectivada a situação descrita pela frase. Deste modo, uma frase em que a situação é perspectivada a partir da entidade com o papel temático interno será uma frase passiva, em oposição à perspetivação da situação a partir da entidade com o papel temático externo, que caracterizará uma frase ativa (Duarte 2003b).

Podemos definir a estrutura passiva com base nas relações sistemáticas que existem entre a frase passiva e a frase ativa que lhe corresponde: o constituinte com a função sintática de sujeito na frase passiva corresponde ao constituinte com a função sintática de objeto direto na frase ativa; o constituinte introduzido pela preposição *por* na frase passiva (tradicionalmente chamado complemento agente da passiva) corresponde ao constituinte com a função sintática de sujeito na ativa correspondente. Na frase passiva, ocorre uma forma do verbo *ser*, que funciona como verbo auxiliar e que está ausente da frase ativa correspondente, bem como uma forma participial do verbo principal, que concorda em género e número com o sujeito da frase (Duarte 2003b: 522).

No entanto, esta perspetiva de alternância ativa-passiva tem vindo a ser questionada por vários linguistas, que argumentam que a passiva terá a sua própria estrutura básica e independente, não sendo um “mero espelho” ou uma “diferente representação” da frase ativa que lhe corresponde.

Desclés & Guentchéva (1993) apresentam algumas das razões que justificam uma análise independente da estrutura passiva, sendo uma delas o facto de muitas frases ativas não apresentarem correspondentes passivas (e, embora sendo mais raro, vice-versa). Partindo desta constatação, os autores afirmam que “[...] a ativa e a passiva não são variáveis combinatórias que possam ser mutuamente substituíveis em contextos idênticos [...]”² (Desclés & Guentchéva 1993: 75).

No presente trabalho, tendo em conta esta abordagem independente à estrutura passiva, procuraremos realizar uma análise contrastiva entre as estruturas passivas

² Tradução livre do original em francês.

impessoais em duas línguas – o português europeu e o francês –, relacionando-a com a diferente marcação das mesmas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo.

2. Considerações sobre estruturas passivas impessoais e o Parâmetro do Sujeito Nulo

2.1. As estruturas passivas impessoais

Tendo em conta a conceção da frase passiva como independente e não como derivada de uma equivalente ativa, será necessário definir qual é a estrutura básica da frase passiva; deste modo, podemos afirmar que a frase passiva não tem uma posição de sujeito preenchida, e que a forma participial do verbo presente na passiva seleciona um argumento interno. No entanto, a morfologia da passiva não legitima a atribuição de caso acusativo a este argumento direto, ao contrário do que acontece nas frases ativas.

Esta ausência de atribuição de caso acusativo desencadeia o movimento do argumento interno em busca de legitimação casual, que encontra na posição superficial de sujeito, onde lhe é atribuído caso nominativo.

Este movimento do SN dá origem a uma construção passiva perifrástica pessoal, conforme se encontra representado em (1). No entanto, existe também a possibilidade de permanência do SN *in situ*, ou seja, na posição canónica de objeto direto, embora continue a comportar-se como sujeito (caso nominativo e concordância com o verbo). Esta estrutura denomina-se construção passiva perifrástica impessoal (2).

(1) O inquérito foi submetido pela polícia.

(2) Foi submetido o inquérito pela polícia.

São as estruturas passivas impessoais que constituem o principal foco do presente trabalho, devido ao seu particular interesse em conexão com o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Em primeiro lugar, é de relevo questionar a atribuição de caso nominativo ao SN em posição pós-verbal numa estrutura passiva impessoal, visto não se verificar o movimento de SN em direção à posição canónica de sujeito, conforme ocorre nas estruturas passivas perifrásticas pessoais como (1).

Esta questão encontra-se em aberto, mas parece que a legitimação do argumento interno direto do verbo com caso nominativo se deve à transmissão de informações de

caso, número e pessoa, a partir de uma categoria vazia na posição de sujeito, para o SN em posição pós-verbal.

Numa língua que marca negativamente o Parâmetro do Sujeito Nulo, como é o caso do francês, parece apenas ser possível uma estrutura equivalente a (1), que se encontra representada em (3), e conforme é explicitado pela agramaticalidade de (4).

(3) Une enquête a été menée par la police.

(4) *a été menée une enquête par la police.

A legitimação de uma estrutura passiva perifrástica impessoal numa língua que não admite sujeito nulo, como é o caso do francês, embora parecendo pouco natural, ocorre graças à inserção de um expletivo (em francês, trata-se do pronome *il*), que veicula a informação de 3.^a pessoa do singular e que concorda com o verbo, conforme se encontra representado em (5)³.

(5) Il a été menée une enquête par la police.

Note-se que, conforme realça Gaatone (1994), pode parecer possível, em determinados casos, a equivalência das construções passivas impessoais a construções ativas com o uso do pronome indefinido *on*, como se encontra exemplificado em (6) e na frase equivalente em (7).

(6) On a procédé à une enquête.

(7) Il a été procédé à une enquête.

Contudo, o autor aponta que estas duas construções não são equivalentes, pois um sujeito indefinido não equivale a um sujeito expletivo.

Para ilustrar esta distinção, Gaatone (1994: 44) apresenta as frases que reproduzimos em (8) e (9), que deverão ser interpretadas do ponto de vista de um chefe de estado que se dirige à nação.

(8) Il sera beaucoup demandé au peuple dans les années à venir.

(9) On demandera beaucoup au peuple dans les années à venir.

³ Exemplo extraído de Araújo (2005).

Estas duas frases veiculam significados distintos, evidenciando claramente a diferença entre a utilização de uma passiva impessoal com *il* – uma estratégia linguística que permite ao chefe de estado “isolar-se” deste pedido – e uma ativa indefinida com *on*, na qual o sujeito da frase inclui o próprio chefe de estado.

No caso do inglês, também, à imagem do francês, uma *non-pro-drop language* (língua que não admite sujeito nulo), a existência de construções passivas impessoais é legitimada através de uma estrutura ligeiramente diferente, graças à inserção do expletivo *there*, juntamente com a forma verbal *to be*.

(10) There was an enquiry to be submitted by the police.

Note-se que a presença do sintagma introduzido pela preposição *por* (*par*, em francês e *by*, em inglês) é opcional, sendo que a sua supressão em qualquer uma das frases (1) - (5) e (10) não é geradora de agramaticalidade.

No entanto, segundo Almeida (1994), as construções passivas impessoais parecem passar o agente para segundo plano de forma ainda mais radical do que acontece nas construções passivas pessoais. Deste modo, a explicitação do agente (denotado pelo sintagma introduzido pela preposição *por* e pela preposição *par*, respetivamente, conforme ocorre nas frases (2) e (5)) está associada à focalização do mesmo. Isto simboliza, para a autora, “[...] um relevo extraordinário [...] que atribui [ao agente] a posição de destaque, no final do enunciado [...]”, podendo até causar “[...] um efeito de surpresa [...]”⁴ (Almeida 1994: 13).

As versões “curtas” das frases passivas perifrásticas impessoais – em que o sintagma *por* não é explicitado – têm, segundo a autora, a intenção de reduzir a importância ou de manter anónimo o “agente da passiva”, sendo também mais frequentes.

Segue-se, ainda, um exemplo extraído de Desclés & Guentchéva (1993), em que (11) corresponde a uma frase ativa e (12) a uma construção passiva impessoal legitimada pela introdução do pronome expletivo.

(11) Toutes les jeunes filles ont dansé un quadrille au bal du collège.

(12) Il a été dansé un quadrille par toutes les jeunes filles au bal du collège.

⁴ Tradução livre do original em francês.

De acordo com Grevisse (2007), este pronome expletivo não designa nenhum ser nem coisa em específico, e, conforme realça Araújo (2005), não pode ser substituído por outros pronomes, conforme a agramaticalidade de (13) demonstra.

(13) *J'ai été mené une enquête par la police.

Existem, ainda, estruturas passivas impessoais que não admitem uma alternância com uma estrutura passiva pessoal, pois a colocação do SN argumento interno do verbo em posição pré-verbal seria geradora de agramaticalidade, conforme é o caso dos exemplos com orações em (14) - (17), adaptados de Almeida (1994).

(14) É suposto que os homens sejam humanos.

(15) *Que os homens são humanos é suposto.

(16) Il est supposé que les hommes sont humains.

(17) *Que les hommes sont humains est supposé.

Constatando a existência destas construções, Gaatone (1994) propõe uma subdivisão das construções passivas impessoais: as passivas “promocionais”⁵ impessoais (que podem, também, ser pessoais), às quais correspondem as frases em (2) e (5); e as passivas essencialmente impessoais, às quais correspondem as frases em (14) e (16).

Por último, é importante referir que, de acordo com Almeida (1994), em português europeu oral coloquial parece existir uma tendência para a realização de formas passivas impessoais que não se submetem às regras formais de concordância em género e em número da norma-padrão escrita. Reproduzimos em (18) um dos exemplos apresentados pela autora para ilustrar este fenómeno.

(18) */? Foi desejado ao casal muitas felicidades.

A interposição de um elemento – neste caso, o objeto indireto “o casal” – entre a forma verbal e o SN parece possibilitar a proliferação destas estruturas na oralidade, em que, possivelmente, o argumento interno do verbo é erroneamente interpretado como objeto direto, não concordando em género e em número com o mesmo.

Isto parece, ainda, estar relacionado com outra tendência para o incumprimento das regras de concordância em português europeu oral e coloquial, nomeadamente no

⁵ O autor menciona que esta terminologia se refere ao facto de o argumento interno do verbo ser “promovido” à posição de sujeito.

caso de determinadas construções inacusativas. Note-se, por exemplo, que, com o verbo inacusativo “chegar”, a construção (19) parece ser mais aceitável para os falantes de português europeu do que a construção (20), perspectivada como sendo puramente agramatical.

(19) */? Chegou pessoas.

(20) * Pessoas chegou.

2.2. O Parâmetro do Sujeito Nulo

O caso dos verbos impessoais é, claro está, um dos principais em que se verificam diferenças consoante a marcação relativa ao Parâmetro do Sujeito Nulo. Em português europeu, os sujeitos expletivos não têm realização lexical, conforme pode ser verificado em (21), ao contrário do que acontece em francês (22) (Duarte 2003a).

(21) Choveu ontem.

(22) Il a plu hier.

Note-se que, conforme é referido por Cunha & Cintra (1984), em certas variedades dialetais do português europeu popular, ou seja, não correspondentes à norma-padrão, é possível encontrar realizações lexicais do sujeito expletivo, comparável ao *il* do francês ou ao *there* do inglês, sob a forma do pronome *ele*, como seria o caso de (23). Carrilho (2009) argumenta, no entanto, que estas construções parecem envolver um valor expressivo adicional e particular, estilisticamente marcado.

(23) ?Ele choveu ontem.

Em português europeu, e em todas as outras *pro-drop languages* (línguas que admitem Sujeitos Nulos), o sujeito é um *pro* – um pronome nulo com traços de pessoa e género, que despoleta a concordância com o verbo.

3. Conclusão

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que, no português europeu e no francês, a marcação diferenciada em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo tem influência na formação das estruturas passivas impessoais.

Em primeiro lugar, é importante afirmar que estas estruturas não são impossíveis ou agramaticais em francês; existem, tal como nas restantes línguas de sujeito não-nulo, graças à inserção de um expletivo (neste caso, *il*). Todavia, estas construções passivas impessoais com recurso a um pronome expletivo podem parecer pouco naturais ou de difícil assimilação.

Por este motivo, são muitas vezes utilizadas frases ativas com o sujeito indefinido *on*, tendo em vista a veiculação do mesmo significado. No entanto, conforme foi reiterado por Gaatone (1994) e referido anteriormente, estas estruturas nem sempre são equivalentes.

Nesta linha de pensamento, o facto de o português europeu ser uma língua de sujeito nulo parece facilitar a existência de tais construções, o que é ilustrado pelo seu abundante uso (por vezes, até, quebrando regras de concordância na oralidade, conforme foi referido na secção anterior).

Almeida (1994) refere que estas estruturas são consideravelmente mais populares em português europeu do que em francês, o que parece estar relacionado com a maior naturalidade das construções impessoais, sem a necessidade de realização fonética numa língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Referências

- Almeida, M. 1994. L'impersonnel en portugais et en français: approche contrastive. *L'Information Grammaticale* 62: 12-15.
- Araújo, S. 2005. A impessoalidade em português e em francês. *Diacrítica* 19(1): 5-37.
- Carrilho, E. 2009. Sobre o expletivo *ele* em português europeu. *Estudos de Linguística Galega* 1: 7-26.
- Cunha, C.; Cintra, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Desclés, J.; Guentchéva, Z. 1993. Le passif dans le système des voix du français. *Langages* 27(109): 73-102.
- Duarte, I. 2003a. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordens de palavras. In *Gramática da Língua Portuguesa* (275-321). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. 2003b. A família das construções inacusativas. In *Gramática da Língua Portuguesa* (507-533). Lisboa: Caminho.
- Gaatone, D. 1994. Passif, impersonnel et passif impersonnel en français: quelques réflexions. *L'Information Grammaticale* 62: 42-44.
- Grevisse, M. 2007. *Le bon usage*. (14^a Ed.). Bruxelas: De Boeck Duculot.